

Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Editor e Prop.: P.º ALFREDO MARTINS DA ROCHA
Administrador: ARTUR BASTO

Director:
P.º Alberto da Rocha Martins
Telefone 8451

Redacção e Administração: R. D. António Barroso, 42-44
Composto e Impresso: Tip. «Vitória» — BARCELOS

Coisas dos Jornais

Pelo P.º Manuel Matos

E assim, já em 1821, sendo rei D. João VI, após a revolução do Porto, organizada por Manuel Fernandes Tomás e Silva Carvalho, e que saíu triunfante, foi criada a Junta Suprema do Governo provisório que convocou Côrtes Gerais Constituintes.

O Patriarca de Lisboa, D. Carlos da Cunha e Menezes, após restrições a dois artigos das bases constitucionais que mais limitavam a liberdade e independência da Igreja. Pois foi obrigado a retirar-se para França. Era o primeiro sinal do anticlericalismo dos liberais portugueses.

D. Pedro IV, outorgou em 29 de Abril de 1826 a Carta Constitucional que, após veementes instâncias do Duque Saldanha, foi jurada em Lisboa no dia 31 de Julho desse ano.

Nesta Constituição, apesar de no artigo 6.º se declarar que «a religião católica, apostólica romana continuará a ser a religião do reino», no artigo 75, § 2.º determinava-se que «competia ao Rei, como chefe do poder executivo, nomear bispos e prover os benefícios eclesiásticos» e, § 14.º, «conceder ou negar o beneplácito aos decretos dos concílios e letras apostólicas».

Era o mais duro golpe nas liberdades essenciais da Igreja, que ficava manietada e oprimida.

Eleito Gregório XVI em 2 de Fevereiro de 1831, verificado o estado lamentável da Igreja em Portugal, de que 16 dioceses estavam sem bispo, instou o Papa com o Marquês de Lavradio para que fossem devidamente providas. E foram-no. Surgiram os protestos de D. Pedro, então em Londres, que chegado a Lisboa, mandou retirar-se o Nuncio Justiniani, o que veio a acontecer em 5 de Agosto de 1833. E assim se cortavam as relações diplomáticas com a Santa Sé.

Entretanto, à sombra da Carta Constitucional, foi instituída por decreto de 31 de Julho de 1833, uma «comissão de reforma geral eclesiástica» da qual faziam parte quatro padres ambiciosos e traidores ao espírito da Igreja. Cinco dias depois saíram os primeiros decretos que arruinavam implacavelmente as instituições e disciplina eclesiástica.

Gregório XVI, em alocução de 30 de Setembro de 1833, protestou contra a expulsão do Nuncio e outros agravos feitos à Igreja e declarou nulos os decretos ditatoriais de D. Pedro em matéria eclesiástica.

Em 30 de Maio de 1834, responde o Estado Português, com um decreto referendado pelo Ministro da Justiça Joa-

(Continua na página 2)

Queres conhecer o vilão?

Mete-lhe a vara na mão

Pelo DR. MÁRIO QUEIRÓS

I

ASSIM se exprime o nosso bom povo, aquele povo humilde, ordeiro, preocupado, simples e sagaz, disposto a todos os sacrifícios quando orientado por homens leais e bons mas capaz de arrancar a vara do comando e quebrá-la nas costas de qualquer vilão que abuse da sua bondade e da sua boa fé.

Ensina-nos, em frase tão simples, a sermos cuidado-

sos na escolha dos chefes, a observarmos com atenção o seu carácter, as suas virtudes e os seus defeitos e, mais ainda, a estudarmos profundamente o modo como o pretensio dirigente se comportou já de qualquer missão de comando para que tivesse sido indigitado. Isto porque, a sabedoria popular não o desconhece, o vilão sabe esconder, dissimulando, o mau carácter que forçosamente revelará no

(Continua na página 2)

Exortação Pastoral do Senhor Arcebispo Primaz sobre as comemorações centenárias da Imaculada Conceição

Por sua maternidade, Maria foi agregada à família divina; sendo Mãe de Jesus Cristo que é Deus, passou a pertencer de certo modo à família natural de Deus. Esposa do Pai, de cuja fecundidade comparticipa; Mãe do Filho, que concebeu e deu à luz; Santuário virginal do Espírito Santo, que nela operou o estupendo prodígio da Incarnação; Maria encontra-se associada a toda a economia divina da Redenção humana.

Se a Incarnação se efectuou no seu seio virginal, foi porque ela consentiu, tornando-se Mãe de Deus incarnado: da sua substância, da sua carne e do seu sangue, safu a carne e o sangue do Senhor. Maria foi a flor donde brotou este benjito fruto do seu ventre sagrado — Jesus.

E porque anda intimamente ligada à nossa Redenção, no momento em que esta se consuma no Calvário, ela lá está, junto à Cruz, de pé, que é a atitude própria do sacrificador, cooperando no resgate da humanidade pelo seu consentimento e oferecendo-se ao Pai em holocausto associada à Vítima divina, fruto sagrado das suas entranhas de Corredentora.

Presente à fundação da Igreja, preside à reunião do Cenáculo, entre os Apóstolos, que, com ela e sob os seus olhares, rezam e aguardam confiantes a vinda do Espírito Santo, que desce sobre eles e por eles renova a face da terra.

Quando se entra na casa do céu, lá se encontra o Filho com sua Mãe, que o Vidente de Patmos nos descreveu resplandescente entre os eleitos. Depois da vista de Jesus, a vista de Maria é, mesmo ali, a grande alegria dos bemaventurados.

E depois que anda assim associada à irradiação da glória do Céu, Maria anda também ligada ao mistério da dispensação da graça, que é o germen e a raiz da glória.

Do alto dos céus, não cessa de velar e de interferir na distribuição dos dons espirituais e na aplicação do sangue e dos méritos do seu divino Filho.

Em defesa dos nossos vinhos

Por A. DÓRIA

COMO é do conhecimento dos leitores, o Senhor Ministro da Economia concedeu recentemente um subsídio de mil contos para a instalação do primeiro «Centro de preparação e defesa de vinhos de alta qualidade», que deverá ficar a funcionar junto da «Federação dos Vinicultores dos V. do Dão». Têm estes Centros — que devem ficar instalados nas zonas de produção das melhores regiões vinhateiras do País — por missão assegurar a pureza do fabrico dos vinhos e fixar os seus tipos, para evitar, como é óbvio, toda a espécie de alterações ou falsificações de que possam resultar prejuízos para a economia nacional.

Toda a gente sabe que são ainda os nossos vinhos, particularmente os do Porto e da Madeira, que maior importância têm nas exportações portuguesas, pelo que imediatamente haveria repercussões nocivas na nossa balança comercial desde que, por qualquer circunstância, as exportações baixassem.

Uma baixa das exportações dos nossos vinhos não pode dever-se, pelo menos não tem sido devida, a diminuição do poder de compra dos países habitualmente importadores, mas principalmente à concorrência de outras marcas internacionais, concorrência que só pode afectar a nossa economia se a qualidade dos

vinhos portugueses não corresponder àquela a que estão habituados os consumidores.

Todos sabem que o Instituto do Vinho do Porto tem empreendido bastas vezes processos contra falsificadores estrangeiros que procuram iludir os compradores, com a agravante de lançarem o descrédito sobre marcas consagradas por longo tempo de prática e estudo. Por outro lado, marcas estrangeiras há que têm vindo procurando impor-se ao consumidor, apresentando-se como substitutos dos nossos vinhos com vantagem, facto que não ilude o consumidor que conhece os nossos vinhos. Todavia, para evitar que uma reviravolta operada por falsificadores pouco escrupulosos possa criar mau ambiente aos vinhos portugueses, impõe-se uma fiscalização rigorosa, não apenas no estrangeiro — o que apenas se pode conseguir indirectamente — mas sobretudo no nosso País fixando as características de cada tipo e assegurando a sua pureza de fabrico.

Portanto, a criação dos Centros de preparação e defesa de vinhos de alta qualidade, de que se instalou recentemente o primeiro, não pode deixar de ser benévola nesta ocasião, demonstrando como se procura defender a economia nacional com eficiência e com a prudência que em casos análogos se impõe.

Encontrá-mo-la junto da pia baptismal, ao lado da piscina sagrada da penitência, em todas as demais fontes da graça e de modo particular no próprio altar do Sacrificio.

E aqui, na santa Missa, a liturgia sagrada dá-lhe um lugar de sumo relevo, como é devido à sua altíssima dignidade, pondo-a acima dos anjos do céu e de todos os santos, incluindo o Santo Precursor e os Apóstolos, sobre os quais Jesus Cristo fundou a sua Igreja e os constituiu colunas dela.

Não falando já da liturgia bracarense e da mozarabe, que começam e acabam o santo Sacrificio invocando o patro-

cínio de Nossa Senhora, quando na santa Missa o sacerdote, recitando a confissão ao pé do altar, implora a clemência divina confessando suas culpas, é a Deus todo poderoso, sem dúvida, que primeiro se dirige, mas logo em seguida se volta para a «bemaventurada sempre Virgem Maria», que antepõe aos Anjos e aos santos e que depois coloca como principal intercessora junto de Deus.

(Continua)

Leia e propague

Jornal de Barcelos

Coisas dos Jornais Mundanismo

(Continuação da página 1)

quim António de Aguiar, o Mata Frades, extinguindo "todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer casas religiosas" e incorporava os bens eclesiásticos na Fazenda Nacional.

Tinha mesmo de terminar em roubalheira sacrílega toda esta comédia da «*política liberal do Estado português*».

Em 1838, Gregório XVI publicava um breve que extinguia o nosso Padroado nas terras orientais que não pertenciam a Portugal. A inquietação patriótica e religiosa forçou o Governo a encarar mais a sério as negociações. Chegaram a bom termo em tempo de D. Maria II, a quem o Papa expediu o breve «*Nullis explicari verbis*», congratulando-se pela aproximação das duas Cortes e a quem concedeu em 14 de Março de 1842, a Rosa de Ouro. Em 17 de Janeiro deste mesmo ano foram reatadas as relações diplomáticas entre a Santa Sé e Portugal, interrompidas desde 5 de Agosto de 1833, com a chegada a Lisboa de Monsenhor Francisco Capaccini, na qualidade de inter-núncio e delegado apostólico.

Em 21 de Outubro de 1848 o Conde de Tomar — Costa Cabral — e o inter-núncio Camilo Di Pietro assinaram um acordo em que se continham «*resoluções*» sobre a Bula da Cruzada, Seminários, Cabidos, Conventos de freiras e pagamento duma pensão ao bispo resignatário de Angola.

E dado o deplorável abandono em que se encontrava o Padroado do Oriente, foi concluída uma primeira concordata a 21 de Fevereiro de 1857 entre Pio IX e D. Pe-

dro V, pela qual ficou reconhecido o padroado da «*coroa portuguesa*». Em 23 de Junho de 1886, ainda sobre este mesmo assunto, houve nova concordata entre Leão XIII e D. Luís.

Dentro da Nação a situação religiosa em nada foi alterada pelo Acto Adicional à Carta, de 5 de Julho de 1852, instrumento de carácter estrictamente político-civil.

Para a resolver expediu Pio IX, o breve «*In Lusitaniae regno*» em 1 de Junho de 1863, em que procurava libertar a Igreja da escravidão constitucional.

Mas em vão. E assim ficou até à queda da Monarquia.

Com o advento da República num acto impensado de total repúdio da religião tradicional do País, a demagogia maçónica cortou os liames que a prendiam à Política e nisso encontrou Ela a sua inteira libertação.

Objecto, embora, de perseguições, foi na dor que Ela se encontrou mais uma vez, para bem de Portugal.

A Concordata de 1940 veio encontrá-la rejuvenescida e apta para o desempenho da sua alta missão nos tempos modernos.

Por aqui se vê que o regimen constitucional, longe de criar um Estado Clerical Português, criou o anticlericalismo mais vesgo, a ponto de Fortunato de Almeida escrever:

«*O despotismo absolutista em nada ficou a dever ao absolutismo liberal*».

No próximo artigo: *Bases jurídicas da Política da Igreja*.

Queres conhecer o vilão? Mete-lhe a vara na mão

(Continuação da página 1)

desempenho das funções dirigidas para que foi solicitado ou indigitado.

Que grande parte das questões e revoluções sociais que o mundo tem atravessado nos últimos tempos, é devida à má qualidade dos Dirigentes, afirmou-o António Eden, no velho Parlamento Britânico.

Le Play, grande sociólogo francês, lembra-nos que «*o peixe começa a apodrecer pela cabeça*».

Porque o estudo das qualidades dum dirigente é problema assás complexo, e nem sempre ao alcance de todos, e porque da boa ou má escolha do chefe, depende sempre o êxito ou a falência da instituição a dirigir, vamos transcrever alguns conselhos que o ilustre Professor e Sociólogo Dr. Mário G. Viana, no seu livro «*Arte de Dirigir*», tão sábiamente nos expõe. Assim:

— São, em geral, os maus chefes, os chefes incapazes

ou menos dignos que provocam a indisciplina das sociedades, quer na vida pública, quer na vida profissional. No Dirigente, devem, pois, reunir-se múltiplas qualidades, e neste ponto reside a grande dificuldade de encontrar chefes que estejam à altura da elevada missão que lhe cabe, e que dela se compenentrem com absoluta dignidade.

Já Camões notara, no seu tempo, que um fraco rei faz fraca a forte gente.

A selecção dos chefes não pode atender a simples acumulação de conhecimentos literários ou científicos, e menos ainda deve ficar dependente dos acasos duma eleição ou duma simples escolha, fruto de amizade e, até, de favoritismos mais ou menos discretos. As profissões condutoras, no exercício das quais os indivíduos têm de tomar decisões a serem executadas por outros, exigem qualidades específicas.

Fazem anos pelo que lhes apresentamos muitos parabéns os nossos amigos:

Hoje — Os Snrs. José Pereira da Silva Corrêa e Carlos Eduardo Matos Viana Lopes.

Amanhã — A Sr.^a D. Maria Júlia Torres Matos e o Sr. Teófilo Augusto Pereira Vilas Boas.

Sábado — O menino José António Natividade de Miranda Veiga.

Domingo — A Sr.^a D. Maria Augusta Barroso Coutinho e a menina Maria de Lourdes da Cruz Sousa Lima.

Seg.^a-feira — A Sr.^a D. Maria Alina Esteves de Melo e o Snr. José Luís Martins.

Terça-feira — A Sr.^a D. Maria Adelaide Machado Pais de Araújo Felgueiras Gajo.

Quarta-feira — A Sr.^a D. Maria Teresa Monteiro da Silva Corrêa.

Dr. Nunes de Oliveira

Tivemos o prazer de abraçar nesta cidade, no passado domingo, o nosso prezadíssimo amigo Snr. Dr. Joaquim José Nunes de Oliveira, ilustre Assistente da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto.

Sabe-se, hoje, que o homem tem mais disposição para encarar a solidariedade em seu proveito, do que em proveito dos outros, e que se inclina mais a explorar do que a servir o seu semelhante.

Aquele que ocupa uma posição de comando é tentado, irresistivelmente, a cometer prepotências, ou a servir-se, em seu proveito, e em proveito de outrem, das facilidades e regalias que o cargo lhe faculta.

Um chefe que abusa do poder, e que comete violências é o pior dos dirigentes.

Mas, muitas vezes, não é fácil afastá-lo, porque ele aguenta-se-a, no seu lugar, mediante toda a espécie de habilidades: ameaças, astúcias, artifícios, etc.

Em geral, as pessoas menos qualificadas para as funções directivas são aquelas que mais se lhes apegam.

Subiram a chefes por um bambúrrio de sorte ou por favoritismo, e não querem deixar o lugar. Defendem-se com unhas e dentes, julgando-se diminuídos só à ideia de que deixarão de mandar, e de que voltarão a ser mandados.

Em certos casos é o gosto das grandezas que ali os retém.

Como são maus dirigentes, lucram no desempenho da função directiva porque não têm a noção das responsabilidades e, como tal, tudo para eles é lucro.

Porque este já vai longo, em próximo artigo falaremos acerca das qualidades exigíveis aos dirigentes.

Vida Desportiva

A ABRIR...

Com a jornada de domingo, terminou a primeira volta do campeonato nacional da II Divisão.

Nesta jornada, com excepção do Vianense que foi alcançar dois pontos preciosos a Vila Real, venceram os clubes que jogaram na terra.

O Gil Vicente fez um bom resultado em Leixões, perdendo com o grupo local pela tangente mas... perdeu.

O nosso representante não foi muito feliz no decorrer da primeira volta mas estamos esperançados que a sua classificação melhorará na nova volta que, no próximo domingo, terá o seu início.

Nos treze jogos disputados o Gil Vicente venceu três, empatou seis e perdeu quatro, sendo três pela diferença mínima.

É a seguinte a classificação actual dos grupos da Zona A: Leixões, 21; S. C. de Espinho, 19; Tirsense, 17; Sanjoanense, 16; Salgueiros, 15; Oliveirense, 14; Vianense, 13; Gil Vicente, 12; Académico de Viseu, 11; Beira Mar, 11; Vila Real, 10; Desportivo de Chaves, 10; Famalicão, 9; S. C. Lamego, 3 pontos.

Futebol

Leixões, 2 — Gil Vicente, 1

O Gil Vicente deslocou-se no passado domingo a Leixões onde se defrontou com o grupo local.

O resultado do encontro foi de 2-1 a favor do clube da casa que terminou a primeira parte a vencer por 1-0, golo marcado aos 4 minutos. No início do segundo período o Gil Vicente empatou por intermédio de Franklim e o Leixões só voltou a colocar-se de novo em vencedor, fixando o resultado a um minuto do fim.

Quase todos os componentes do Gil exibiram-se com pouco entusiasmo.

A arbitragem prejudicou o grupo barcelense, embora o Leixões merecesse a vitória.

O Gil Vicente apresentou a seguinte constituição:

Esteves, Barrega e Matos; Fonseca da Silva, Eduardo e Joaquim; Arantes, Gelucho, Nêlino, Alcino e Franklim.

Os outros resultados da Zona A, foram:

Espinho-Beira Mar, 5-0; Salgueiros-Chaves, 3-0; Famalicão-Lamego, 1-0; Sanjoanense-Académico de Viseu, 4-3; Vila Real-Vianense 0-1; Tirsense-Oliveirense, 3-1.

No próximo domingo, o Gil Vicente, desloca-se à cidade do Porto para se defrontar com o aguerrido Sport Comércio e Salgueiros.

Atendendo às boas relações com o grupo portuense é de prever que o representante da nossa terra seja acompanhado por uma grande falange de apoio.

Uma Carta e um Prémio

Do nosso amigo e estimado assinante Snr. A. Pinto Júnior, de Coimbra, recebemos uma carta muito interessante a que na altura fizemos referência.

O conteúdo dessa carta, muito conceituoso, levamos já ao conhecimento da Direcção do Gil Vicente a quem vamos fazer a entrega da quantia de 50\$00 que esse nosso amigo nos enviou para ser entregue ao jogador do Gil Vicente que marcou mais golos no decorrer da primeira volta.

Só agora demos conhecimento deste prémio pelo facto da primeira volta ter terminado e portanto já não haver perigo de qualquer prejuízo.

A importância recebida vai ser entregue à Direcção do Gil Vicente por, oportunamente, assim termos combinado.

O BOLO REI

DA

PASTELARIA ARANTES

tem sido todos os anos considerado o melhor

Dr. Baltazar Pereira

No último sábado, tomou posse de Juiz do Supremo Tribunal de Justiça, o nosso estimado assinante e ilustre conterrâneo Snr. Dr. António Baltazar Pereira.

Anunciem no

JORNAL DE BARCELOS

Operação

Numa Casa de Saúde da cidade do Porto foi operada à vista a Snr.^a D. Teresa Zulmira Pimenta, professora oficial, esposa do nosso amigo Snr. Armando Pimenta, empregado superior na Fábrica de Malhas Tebe.

A operação decorreu com êxito e desejamos-lhe um rápido restabelecimento.

Festa da Imaculada Conceição

Ante-ontem, dia da Padroeira de Portugal, Sua Santidade o Papa Pio XII abriu o ano mariano, para comemorar o primeiro centenário da proclamação do dogma da sua immaculada conceição.

Barcelos, terra de Santa Maria, não podia ficar insensível às homenagens que em Portugal e em todo o mundo se preparam para comemorar tão faustoso evento. Apressou-se por isso a marcar a sua presença logo na abertura do ano jubilar.

Na Igreja Matriz, no passado dia 30 de Novembro, às 21 horas, promovida pela Congregação Mariana, principiou uma novena preparatória para a Festa da Imaculada Conceição e abertura do ano mariano que teve a assistência dum número muito elevado de fiéis.

No sábado 5 do corrente, à noite, começou um tríduo em honra e louvor da Virgem Santíssima pelo distinto orador sagrado Snr. Padre Alberto da Rocha Martins, nosso estimado Director.

Nesse dia as cerimónias religiosas foram presididas pelo Snr. Padre Joaquim da Cunha Peixoto, pároco de Barcelinhos e no domingo e segunda-feira, respectivamente, pelos Snrs. Padre Manuel Sá Domingues de Oliveira, pároco de Carvalhal e Padre António Duarte Miranda, de Vilar de Figos.

Durante o tríduo a afluência de fiéis foi muito maior e a nossa vasta Colegiada encontrava-se sempre à cunha.

O Rev. Alberto da Rocha Martins durante esses três dias, com brilho invulgar e

grande eloquência, desenvolveu os seguintes temas:

“A espectação universal de Maria”, “Maria na Dor e no Martírio” e “Maria na Morte e na Glória da Assunção”.

Na terça-feira, dia da Imaculada Conceição, houve missa às 7 horas, comungando dezenas de fiéis; Às 8,30 horas missa e comunhão geral. A igreja estava completamente cheia e comungaram centenas de fiéis.

Às 11 horas, missa solene, sendo celebrante o Snr. Padre António Duarte Miranda, acolitando de diácono o Senhor P.º Manuel Sá Domingues de Oliveira e sub-diácono o Snr. Padre João de Lima Torres e mestre de cerimónias o Snr. Prior de Barcelos.

A noite, às 20,30 horas, principiou a solenidade de encerramento da novena com a admissão de novas filhas de Maria e, seguidamente, houve a exposição do SS. Sacramento, Terço, sermão e bênção.

O vasto templo encontrava-se literalmente cheio e o Rev. Alberto da Rocha Martins, uma vez mais, deliciou todos os fiéis que compareceram em número desusado com o seu sermão “Maria Imaculada”.

O grupo coral das Filhas de Maria, em todas as cerimónias religiosas, fez-se sempre ouvir com muito agrado e o Rev. Prior, no final destas homenagens à Virgem Santíssima que decorrerá sempre num ambiente de grande solenidade, distribuiu estampas da Imaculada Conceição com a oração composta pelo Santo Padre para o ano mariano.

CARTAZ

do «Jornal de Barcelos»

CINEMA

Hoje, às 21,30, será exibido o filme alemão do mais elevado cunho artístico:

EROICA

Um dos mais belos capítulos da vida do admirável músico Beethoven, eleito de Deus, e cujo destino era viver só! Toda a beleza da sua música desfila neste filme.

— No próximo domingo, às 15,30 e às 21,30, o grande filme italiano:

ANNA

É a história de uma dessas criaturas que abandonam as vaidades do Mundo para se dedicarem a curar a humanidade que sofre.

Com Silvana Mangano, bela como sempre, mas actriz como nunca.

Na Segunda-feira, às 21,30, repete-se o mesmo filme.

Serviços de Alto-falantes

CASA SOUCASAU

com telefone 8345

Organização Corporativa

Alguns aspectos da sua vida financeira e administrativa

Em separata bem cuidada apareceram reunidos os artigos que foram publicados no “Diário da Manhã” sob o magno problema económico e financeiro da Organização Corporativa e de Coordenação Económica.

Trata-se dum trabalho sério e meticoloso que bem merece ser lido e divulgado pelo modo verdadeiramente superior como analisa este problema.

Engenheiro Artur Queirós

Encontra-se entre nós a passar alguns dias de férias, na companhia de sua Esposa e filhinhos, o nosso querido amigo e assinante Sr. Engenheiro Artur Queirós.

Nascimento

A esposa do nosso prezado amigo Snr. Engenheiro Armindo Lúcio de Azevedo Miranda, deu à luz uma criança do sexo masculino.

Os nossos parabéns.

Rádios alemães SCHAUB

Chegaram os últimos modelos ao

Bazar de Santo António

agente oficial em Barcelos dos rádios SCHAUB, SIERA e LUXOR

Não compre sem ouvir um SCHAUB

Prestações mensais sem aumento de preço desde 100\$00

Para presentes no NATAL

ofereça coisas de utilidade.

Na CASA ÁGUIA há

Bom Bacalhau e bom Azeite

O azeite, temos em latas de 2, 3, 5 e de 10 litros.

É, sem dúvida um lindo e útil presente.

Casa Águia

Telefone 8445 BARCELOS

Prof.ª D. Bela Margarida Ferreira

Foi nomeada professora das escolas do Bairro Social de Costa Cabral a Snr.ª D. Bela Margarida Ferreira da Costa, esposa do nosso estimado amigo e assinante Snr. Joaquim Gomes da Costa Novais, industrial e proprietário da fábrica “Estores Vitória”.

A distinta professora, que exercia as suas funções na escola de Silveiros, deixa ali arreigadas saudades pela sua bondade para com as crianças e dedicação ao magistério. As nossas felicitações.

Jogos amigáveis

No dia 1 de Dezembro, o Gil Vicente, deslocou-se a Guimarães onde, em jogo amigável, se defrontou com o grupo de honra do Vitória daquela cidade.

O Gil Vicente, desfalcado de alguns titulares, fez uma boa exibição e perdeu por 5-3.

A arbitragem prejudicou o grupo barcelense e o Vitória marcou o 4.º e 5.º goal quase a terminar o encontro.

— Terça-feira, no campo Adelino Ribeiro Novo, o Gil Vicente fez um desafio amigável com o Desportivo da Foz.

O resultado do jogo foi de 9-0 a favor do grupo local.

RELOJOARIA CARVALHO

O Relojoeiro de confiança em Barcelos.

Av. Dr. Oliveira Salazar, 40

Calendário Programa dos Seminários

Recebemos o Calendário Programa dos Seminários de Braga.

Com excelente apresentação gráfica e criteriosa disposição encerra além de palavras de abertura, os nomes dos Reitores, Directores de Disciplina, Secretários, Prefeitos, Professores e alunos dos três Seminários Diocesanos e o programa de todos os estudos daqueles magníficos estabelecimentos de ensino. Apresenta, ainda, quadros e estatísticas expressivos do trabalho intelectual, moral e religioso efectuado no Seminário.

Agradecemos a oferta.

Homenagem

A sessão que a Academia das Ciências de Lisboa dedica à memória do historiador e académico Prof. Dr. Queirós Veloso, está definitivamente marcada para o próximo sábado, às 17,30 horas.

O elogio do eminente historiador será feito pelo sucessor na cadeira académica o Senhor Dr. Laranjo Coelho a quem responderá o Sr. Dr. António Baião.

O Snr. Dr. Júlio Dantas, Presidente da Academia encerrará a sessão.

Doente

Esteve doente mas encontrase já completamente restabelecido, o que registamos com muita satisfação, o nosso querido amigo Snr. Dr. José Machado, considerado Subdelegado de Saúde de Barcelos.

Leia e propague

Jornal de Barcelos

CASA CUNHA

Visite as novas instalações desta importante casa de Calçado, sita na Avenida Dr. Oliveira Salazar — Barcelos

UM ATLETA

Luís Rebelo Carvalheira é dos elementos em foco no vasto conselho de Barcelos, na questão futebolística.

Criado no Alerta Sporting Clube, de Viatodos, cedo revelou altas qualidades para a prática do desporto rei e, daí o seu recente ingresso na equipa «A» dos Júniores do Boavista do Porto. Atleta de fibra, educado, correcto, calmo e com um poder de antecipação fantástico, são as principais caracte-



Luís Rebelo Carvalheira

terísticas do defensor central e capitão da equipa Alertista. Estudante no Liceu de Braga e, como firme académico, representou a época finda a turma de júniores do ABC daquela cidade, onde também desempenhou as funções de capitão de equipa. Carvalheira é hoje sem sombra de dúvida o melhor elemento júnior que representa o Boavista F. C. Está pois de parabéns o Alerta Sporting Clube por ter criado já um futebolista de alta qualidade e estamos certos também que das suas fileiras serão aproveitados, com o decorrer do tempo, muitos mais. Que tenha um futuro brilhante são os votos do Jornal de Barcelos o qual deseja também ao seu primitivo clube — o Alerta — a continuação de revelar elementos da fibra de Luís Carvalheira.

Máquina SINGER

Como nova, sendo de Bobine Central, vende José Soucasaux — Barcelos.

Visto pela COMISSÃO DE CENSURA

Sociedade Industrial de Botões SIBOL, LIMITADA

Por escritura de sete de Novembro corrente, lavrada no cartório do notário da Secretaria Notarial desta cidade, Bacharel formado — LUIZ FILIPE PINTO DA FONSECA, no livro de notas n.º 505 a fls. 63 v.º, foi constituída entre Armando de Azevedo e Sá, Joaquim Faria da Silva Oliveira, Manuel Gomes de Azevedo e Sá, Gastão Pereira de Oliveira e Manuel José Gomes de Carvalho, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade Limitada nos termos dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação de «SOCIÉDADE INDUSTRIAL DE BOTÕES SIBOL, LIMITADA» tem a sua sede no lugar de Suscos, da freguesia de Monte Fralães, deste concelho de Barcelos em prédio a construir, poderá ter os estabelecimentos e sucursais que entender e a sua duração é por tempo indeterminado a contar de hoje.

2.º

O seu objecto é o exercício da indústria de botões e fivelas ou outro ramo de indústria ou comércio que a sociedade resolva explorar.

3.º

O capital social, inteiramente realizado em dinheiro é de cento e setenta e cinco mil escudos, sendo de cinquenta mil escudos a quota de cada um dos sócios Armando e Joaquim, de trinta mil escudos a quota de cada um dos sócios Manuel Azevedo e Gastão e de quinze mil escudos a quota do sócio Manuel José Gomes de Carvalho.

4.º

Entre os sócios é livremente permitida a cessão e divisão de quotas, mas a cessão a estranhos fica dependente do consentimento, por escrito, dos sócios não cedentes. § único — Qualquer dos sócios poderá ceder livremente toda ou par-

te da sua quota a um ou mais de seus filhos.

5.º

A gerência social, dispensada de caução, fica affecta a todos os sócios que dividirão, entre si, os respectivos serviços como entenderem, e assim qualquer deles poderá assinar os documentos de mero expediente, porém, os que envolvem obrigação ou responsabilidade para a sociedade, só a vincularão se forem firmados por dois dos sócios em conjunto, um dos quais, há-de ser sempre o sócio Gastão. § único — É expressamente proibido firmar actos ou contratos estranhos aos negócios da sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, respondendo o contraventor individualmente pelas obrigações que assim tiver assumido além de ter de indemnizar a sociedade pelas perdas e danos que lhe tiver ocasionado.

6.º

Os suprimentos à Caixa Social, quando precisos, poderão ser feitos por todos os sócios ou por qualquer deles nos termos e condições deliberadas em assembleia geral.

7.º

Os sócios obrigam-se, por si e seus sucessores, a não requerer imposição de sellos ou arrolamento nos haveres sociais e a não exercer, em seu nome individual, associado com outrem ou por interposta pessoa, indústria ou comércio idêntico ao desta sociedade, salvo o caso de expressa autorização conferida pela assembleia geral; mas se algum deles não obstante infringir o acima estipulado, terá a sociedade o direito de lhe amortizar a quota. § único — Salvo accordo em contrário, o preço da amortização será o que conforme o último balanço apurado corresponda ao valor da respectiva quota; e quando o sócio não venha receber, no prazo que lhe

for indicado, a respectiva importância, será esta consignada em depósito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, considerando-se assim realizada a amortização.

8.º

Em 31 de Dezembro de cada ano, será dado o balanço, e dos lucros líquidos apurados, deduzir-se-ão as percentagens votadas em Assembleia Geral, para os fundos de reserva legal, de aquisição e amortização de quotas e quaisquer outros especiais, dividindo-se o excedente pelos sócios na proporção das suas quotas. § único — O primeiro balanço terá lugar no dia 31 de Dezembro de 1954.

9.º

Por falecimento ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com os sobreviventes ou capazes e com os herdeiros do falecido e com a esposa deste, se eles assim o desejarem ou com o representante legal do interdito. No caso contrário, aos sobreviventes ou capazes, pertencerá todo o activo e passivo com a obrigação de pagarem aos herdeiros do falecido ou representante legal do interdito, tudo o que se apurar pertencer-lhes, por um balanço especial a dar na ocasião, devendo o pagamento ser efectuado em quatro prestações trimestrais e iguais, no prazo de um ano, representadas por letras com garantia idónea, se for exigida, e acrescidas do juro de desconto do Banco de Portugal. § único — No caso de os herdeiros e esposa do interdito ou falecido desejarem continuar na sociedade, nomearão um de entre si que a todos nela os represente enquanto a quota se mantiver indivisa.

10.º

Dissolvendo-se a sociedade, todos os sócios serão liquidatários, procedendo à liquidação como acordarem, mas desde já determinam o direito de licitação para o caso de mais de um pretender a fábrica, que será adjudicada, com todo o seu activo e passivo àquele que

melhor preço e vantagem oferecer.

11.º

As assembleias gerais para que a lei não prescreva prazos e formalidades especiais, serão convocadas por cartas registadas enviadas aos sócios, com aviso de recepção e antecedência mínima de oito dias.

12.º

Nos casos omissos regularão as deliberações dos sócios devidamente tomadas e as disposições legais aplicáveis.

Barcelos, 10 de Novembro de 1953.

O Notário

a) Luiz Filipe Pinto da Fonseca

Lagar de Azeite

DELFIN VINAGRE, tem o prazer de informar os seus Ex.ºs Amigos e os Senhores Lavradores em geral que já abriu a sua laboração o LAGAR DE AZEITE que tem instalada na «QUINTA DE SANTA MARIA» (em frente à Cadeia), em Barcelos, onde espera receber as estimadas ordens de V. Ex.ªs.

Colmeias c/ enxames

Vendem-se 3 colmeias com enxames a produzir mel.
Falar a Manuel Barbosa de Faria — Barcelos.

GARAGEM PARQUE ESTAÇÃO DE SERVIÇO

Vende pneus de todas as medidas

Michelin

Dunlop

Good Year

Seiberling

Englebert

Continental

U. S. Royal

Kelly

Firestone

E MABOR

Lavagens, Lubrificações e Acessórios

Garagem recomendada pelo

AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL

Quereis adquirir louças ou vidros por pouco dinheiro?

Inscrevei-vos desde já nos sorteios semanais com bónus que vos oferece a

Vidraria Barcelense

nas suas séries de 2\$50, 5\$00 e 10\$00.

Esta casa informa os seus numerosos clientes que o número premiado nos sorteios das séries acima indicadas foi o 46, cujos possuidores tiveram a felicidade de receber valores muito superiores por uma ridicularia que está acessível a todos.

Visite a Vidraria Barcelense

no Largo da Porta Nova, 7 em BARCELOS

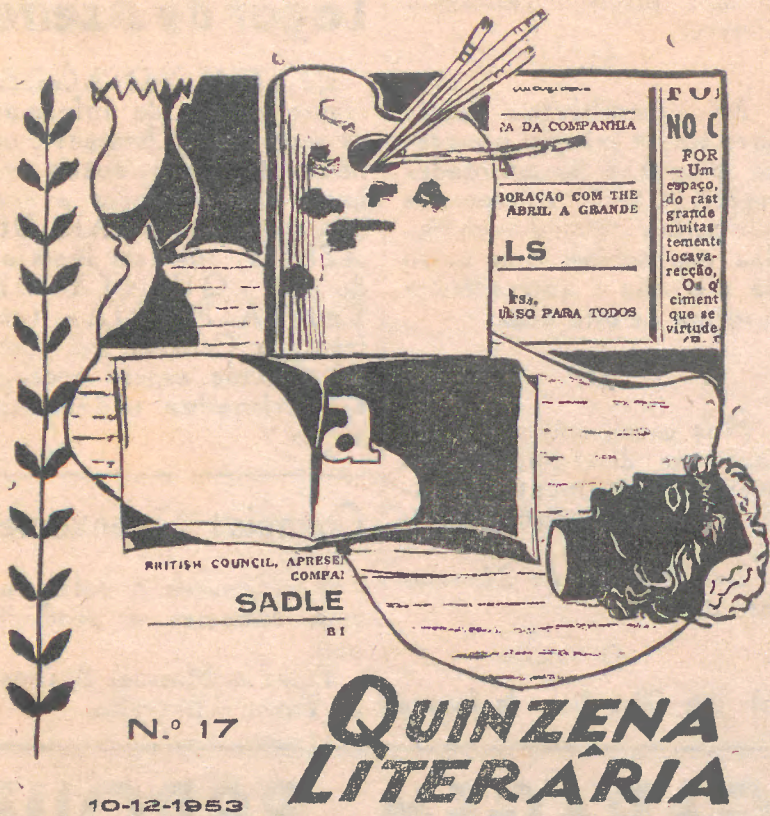
BANCO PINTO & SOTTO MAIOR

SEDE — LISBOA

FILIAL EM BARCELOS

LARGO DA PORTA NOVA, 41 — Telefone 8318

Todas as operações Bancárias



O panorama da crítica de arte em Portugal

II

«As críticas, diga-se em abono da verdade, por via de regra, não dizem nada, e pior do que isso confundem tudo...» e mais adiante.

«... vinham em destaque uns tantos títulos de obras expostas e um churrilho de adjectivos atirados sobre tudo aquilo...» para concluir:

«Há três décadas que, salvo raras excepções muito restritas, tudo se mantém irremediavelmente na mesma...»

Isto, tal qual, escreveu o escritor Barata Feyo no suplemento de «O Comércio do Porto» de 24 do mês passado, numa nota biográfica sobre Diogo de Macedo, escultor que foi — como ele diz —, hoje Director do Museu de Arte Contemporânea, e hoje e sempre uns dos espíritos mais brilhantes da geração vivente.

Barata Feyo no seu escrito e com a sua autoridade — e responsabilidade de mestre — serviu-me para corroborar a minha afirmativa sem novidade é certo, sobejamente sabida.

A parte que transcrevo, sem vénia, de Barata Feyo obriga-me a uma pausa, a um desenvolvimento do atrasadamente tratado antes de seguir adiante.

E o problema tem que ser posto nu e cru.

Conhecemos os resultados, os efeitos porque os vemos, mas fingimos ignorar as causas, causas de causas que formam círculo vicioso, irrompível.

De quem a responsabilidade, qual a causa a que se deve atribuir este efeito que se mantém «há três décadas»?

As camadas dirigentes, aos artistas, à própria deficiente formação inculcada nas nossas escolas de Belas Artes. Assim mesmo meu Amigo.

Principiemos pela ultima: Bastara um exemplo — e fora do campo de Barata Feyo — e o exemplo tomá-lo-emos da de Lisboa.

drama coreográfico baseado na tragédia grega de Jocasta. Iguamente a «Fantasia e Fuga em Mi Maior e Fuga em Mi Menor» vai buscar o seu título e inspiração a Mozart. Finalmente «Legend», de Pearl Lang, com música de Morton Fodlman, apoia-se na cena de exorcismo do «The Dibuck» com base de entredo e movimento.

Esta miscelânea de variadas contribuições não tem nada de novo para o dansarino, quer seja tradicional ou moderno. Mas os coreógrafos contemporâneos, trabalhando com movimentos contemporâneos, exerceram ainda maior liberdade e deram tal prática a nova amplitude. Ao fazê-lo atingiram excepcional e inédita altitude.

Admite-se que, salvo algumas excepções, os mais jovens coreógrafos não foram muito felizes durante as representações no Alvin. Contudo, os insucessos foram contrabalançados pelos recentes trabalhos de Doris Humphrey, pelo «Canticlo for Innocent Comedians», de Martha Graham (visto na Brodwai pela primeira vez) e claro está pelas suas dansas clássicas como a inesquecível «Letter to the World», baseada num argumento de Emily Dickinson, e a igualmente memorável «Appalachian Spring» que a artista está a dansar pela última vez.

Na pintura houve aqui como professores um Veloso Salgado, um Carlos Reis e um Columbano.

Em contrapartida hoje há um Armando de Lucena e um Varela Aldemira.

Quem, no Porto, foi o mestre da cadeira de um Barata Feyo?

A quantos alunos de pintura ou escultura não se cortaram os cursos por ignorância na geometria ou de nebulosos problemas históricos da arte?

E chegamos à triste conclusão que as Escolas de Belas Artes dão diplomas mas não formam, não educam artistas.

E que pode uma crítica séria dizer da mentalidade, da capacidade criadora e formadora, do espírito informativo e formativo revelado numa exposição — como a que vimos — de Armando de Lucena?

Cabe igual responsabilidade às camadas dirigentes e aqui temos como principais o S. N. I. e a Soc. Nacional de Belas Artes.

No tempo de António Ferro seguiu-se orientação plástica defendida, de rota firme. Por lá ficou um Botelho e um Francisco de Avelaz, últimos abencerragens da nossa presente época.

E hoje perdeu-se a orientação, e as exposições seguem-se e continuam-se com bom e péssimo, com fresco e bafiento, com actualidade e arqueologia.

O seu espírito educador, informativo e educativo perdeu-se, e na barafunda que por lá vimos num ano de exposições levou-nos à conclusão que o S. N. I. educa o público como as Escolas os artistas: desorientando.

E a Soc. N. B. A. a que chamam casa dos artistas?

Por força estatutária é asilo com obrigatoriedade de acolhimento, e assim na casa dos artistas, numa Soc. que se diz Nacional e se aplica das Belas Artes cabe toda a gente a vender como se fora armazéns do Chiado ou do Grandela.

Inscrição, a tempo e horas, assinatura e pagamento do contrato e dez ou cinco por cento sobre a venda, e luz a tanto por hora. E exportar... o que se queira.

Educa este peregrino critério?

A mesma responsabilidade cabe aos artistas — e empreguemos aqui a classificação genérica que se dá.

Mais forma de viver do que necessidade da própria vida vão sendo hoje as artes plásticas, e como quem mata o porco — na feliz frase do pintor artista Abel Manta — se faz exposição anual, para vender.

E o convite ao jornal e o presente ao jornalista, é o pedido de benevolência ou o corte de relações se não se pode ter; é em suma a série interminável de actos que tornam a vida negra.

Com razão Almada Negreiros, um dos espíritos mais jovens de Portugal afirmou: «Tenho a minha opinião mas não gosto de a revelar em público».

E escreveu-la é revelá-la em... público.

Ignoramos a causa desse gosto mas compreendemo-la.

Quem se está para incomodar? Artistas, pintores e escultores são homens. Homens são os sócios e dirigentes da Soc. Nacional das Belas Artes, os dirigentes do S.N.I.

Homens os directores, professores, legisladores das Escolas de Belas Artes.

O problema da Arte é um problema do coração e do espírito, uma questão de emoção e sensação, ou como disse Braque: «sensação e revelação».

O artista não é um observador, mas, antes e só, um criador, um ser tocado de emoções que exigem expressão formal.

Artistas são poucos, e na vida domina o homem mais matéria do que espírito no prisma pelo qual vê os problemas do artista.

Este parêntesis se retardou conclusões, esclareceu — segundo cremos — pontos carecendo de serem vistos a nu, na sua triste e humana realidade.

Anunciem no
JORNAL DE BARCELOS

F E R V O R

*Pescador modesto, bravo combatente,
Teu barquinho serve, nesse Mar fremente,
De fanal incerto, para a tua vida...
Alvorece, a custo, mal o Sol desperta,
Nessa faina austera, logo te liberta,
A vontade altiva, para a despedida...*

*Nunca te demove, nunca te fadiga,
Na carreira ingrata, violenta, antiga,
A tempestuosa, rude cerração,
Vibra, no teu peito varonil, constante,
Pulsa, na batalha, sempre triunfante,
Generoso, rijo, nobre o coração!*

*Fende, a quilha altiva, águas movediças,
Rugem, em cachão, agitam-se, roliças,
Vagas inquietas, fervidas, daninhas...
Na toalha líquida, transparece a graça,
Do barquito leve, que, na espuma passa,
Sobre as insondáveis seduções marinhas...*

*Músculos retesos, corpo recuperado,
Remos bem seguros, voltas, confiado
Na fartura dada pela tua mão...
Foi um rude embate, no tremendo Inverno,
Para o sentimento do vigor paterno,
No teu lar humilde, minguar o pão...*

*Na tarefa ingente, firme te acompanha
Uma crença viva, que se faz tamanha,
Que atravessa o Mundo, que te dá vigor,
Que te transfigura, que te movimentava,
É liberta, salva, da cruel tormenta,
Tua alma, em prece, junto do Senhor!*

Praia de Fão — Agosto de 1953

Arnaldo de Azevedo Pinto

A época de bailado em Nova York

Por John Beaufort

CHEGAMOS ao fim de uma das mais impressionantes épocas de bailado realizadas em Nova York, nos últimos anos.

Intitulada, simplesmente, «Dansa Americana», reuniu alguns dos mais famosos coreógrafos e bailarinos do país, no Teatro Alvin, para uma série de representações que incluíram uma «première» mundial e onze «premières» na Broadway, onde aquela casa de espectáculos se situa. Ao todo, foram apresentadas dezassete produções.

Martha Graham, Doris Humphrey, Jose Limon, Merce Cunningham, Nina Fonaroff, Pearl Long, Helen McGehee e May O'Eonnell estavam representadas — quer como coreógrafas ou dansarinas ou em ambas as capacidades — nesta série de espectáculos, patrocinada pela nova Fundação B. de Rotschild para as Artes e Ciências. Visto que cada um daqueles coreógrafos trouxe a sua própria companhia para os programas (havia sessenta dansarinos ao todo), justifica-se plenamente que os patrocinadores digam que a sua iniciativa constituiu o maior passo dado até agora para uma demonstração completa da dansa americana contemporânea.

Num período em que, durante várias épocas, a dansa moderna foi desprezada na Broadway a favor do ballet clássico, este empreendimento teve significado especial. Tanto mais que um limite de preços permitiu tornar os espectáculos acessíveis a todas as bolsas e o público encheu o teatro em todas as representações.

A «première» mundial da série foi «Deep Rythm» (Ritmo Jondo). Trata-se de um trabalho de profundo sentido espiritual e de extraordinária beleza, da autoria de uma das três mais destacadas intérpretes da dansa moderna americana. A maneira espanhola cigana é traduzida nesta

poderosa criação, pelo bater de palmas que começa antes do pano subir, num cenário simples de Jean Rosenthal, em que predominam as colunas transparentes, as montanhas e a lua, tudo baseado numa pintura de Charles Oscar.

Nos termos mais concentrados, embora com grande liberdade lírica, Doris Humphrey focou três temas: os homens, as mulheres, a reunião e a despedida. A primeira parte é repleta de força masculina, independência e camaradagem; a segunda é terna, emocionante, embebida de graça feminina e com um sentido de tristeza e interrogação; a parte final dá-nos uma reunião e mais tarde uma separação de qualidades, à medida que os homens e as mulheres se misturam. Então os homens saem e deixam as mulheres só.

Com Jose Limon e Paulino Koner à frente dos grupos de quatro dansarinos, «Deep Rythm» foi assombrosamente interpretado. É interessante observar que, apesar do talentoso e jovem compositor Charles Surinach ter baseado a sua música em canções e dansas das ciganas espanholas é embora o espírito da Espanha prevaleça, os movimentos estão longe de ser literalmente espanhóis. A interpretação ilustra, com vivacidade, como os coreógrafos de dansas modernas traduzem os temas tradicionais e — quer trabalhando com partituras modernas ou composições clássicas — pode criar algo que é novo e estranho e impressionante na sua própria maneira.

Por exemplo, o magnífico clássico moderno de Jose Limon «The Moor's Pavanne», que embora inteiramente contemporânea, apoia-se subtilmente em passos clássicos de Côte e é dansada com uma música adaptada de Henry Parcell por Simon Sardoff. Assim, «Night Journey» de Martha Graham, com música de William Schuman, é um